Prefácio

Que faz o médico diante do infeliz às voltas com uma doença que, de hora em hora, ameaça precipitá-lo no túmulo? Se não é cego nem criminoso, o seu primeiro cuidado é recorrer, não aos paliativos, não aos remédios ordinários, mas aos últimos recursos da arte, para operar uma crise salutar: se for preciso, empregam-se o ferro e o fogo, a despeito das resistências e dos gritos do doente.

A sociedade está doente, muito doente. Sintomas cada vez mais assustadores já não permitem a ninguém duvidar da gravidade do mal. Para conjurar uma morte inevitável, bastam os paliativos, os remédios ordinários? Não. Tal é a vossa opinião, tal é também a minha. Um remédio enérgico é, pois, necessário. É preciso produzir uma revolução profunda, completa; é preciso fazê-lo já, o tempo urge: cada hora de atraso pode tornar-se fatal.

Mas onde está a sede do mal? Hoje, mais que nunca, está nas almas. As almas curam-se, não por leis, mas por costumes. Os costumes formam-se pela educação. A educação alcança, não a idade madura, mas a infância. Remédio lento, direis; remédio hoje impotente. É verdade, escrevemos ao ruído da tempestade. Segundo todas as aparências, o raio terá caído antes que o para-raios possa descarregar a nuvem. Mas a tempestade passará, e é preciso que, sobre o solo revolvido, a infância encontre aberta a fonte pura da verdade, se não se quer preparar, já no dia seguinte ao furacão, um novo. Seja, como pensais, que o edifício inteiro não possa ser conservado; fazei então a parte do fogo: que os que devem ir à morte, vão à morte. Se o presente está condenado, salvemos o futuro. Neste ponto deve concentrar-se toda a força dos nossos esforços; aí deve operar-se a revolução, a única que pode arrancar o doente ao trespasse.

Essa revolução, muitos falam dela e poucos a compreendem; vários a tentaram, nenhum teve êxito. Procuro dizer por quê, dizendo o que ela deve ser.

Nos últimos tempos, ocupou-se muito da liberdade de ensino; reclamou-se por ela com energia, com perseverança, como uma necessidade e como um direito. Honra à coragem, honra ao talento tão nobremente consagrados ao êxito dessa grande causa! Contudo, por mais grave que seja, a questão da liberdade é dominada por outra ainda mais grave. A liberdade não é um fim, é um meio. O ponto capital não é tornar o ensino livre, é torná-lo cristão. De outro modo, a liberdade só terá servido para abrir maior número de fontes envenenadas, onde a juventude irá beber a morte.

Tornar cristão o ensino, eis a última palavra da luta; eis o que é preciso empreender, o que é preciso realizar a todo custo. Isto quer dizer, antes de tudo:

É preciso substituir o paganismo pelo cristianismo na educação.

É preciso reatar a cadeia do ensino católico, manifesta, sacrilega e desgraçadamente rompida em toda a Europa há quatro séculos.

É preciso repor junto ao berço das gerações nascentes a fonte pura da verdade, em lugar das cisternas impuras do erro; o espiritualismo, em lugar do sensualismo; a ordem, em lugar da desordem; a vida, em lugar da morte.

É preciso informar de novo do princípio católico as ciências, as letras, as artes, os costumes, as instituições, a fim de curá-los das doenças vergonhosas que os devoram e de subtraí-los à dura escravidão sob a qual gemem.

É preciso assim salvar a sociedade, se ainda pode ser salva, ou ao menos impedir que toda carne pereça no cataclismo pavoroso que nos ameaça.

É preciso assim secundar os desígnios manifestos da Providência, seja temperando como o aço os que deverão sustentar o choque da grande luta para a qual caminhamos depressa; seja conservando à Religião um pequeno número de fiéis, destinados a tornar-se a semente de um reinado glorioso de paz e de justiça, ou a perpetuar até o fim, entre gloriosas provações, a visibilidade da Igreja.

Tal é a revolução de que se trata. Essa revolução é gigantesca e o homem nada é. Essa revolução encontrará resistências de mais de um gênero, suscitará talvez oposições apaixonadas; contudo, essa revolução é possível: possível hoje mais que outrora. Vós mesmo ireis julgá-lo.

Há dezesseis anos, o autor de *O Catolicismo na Educação* foi o primeiro a assinalar, *ex professo*, o verme roedor da Europa moderna. Com o propósito declarado de destruir o império usurpado do paganismo sobre a educação dos povos cristãos, pregou a guerra santa. Sem ser profeta, não lhe foi difícil anunciar que a sociedade chegaria em breve à sua ruína, se não se apressasse em mudar de sistema. Mas, de um lado, atacar o paganismo clássico era então uma blasfêmia; de outro, a sociedade, embriagada de sensualismo, só dava ouvidos às Sereias, cujos cantos pérfidos a atraíam ao abismo. Por essa dupla causa, a sua voz teve pouco eco; e, menos feliz que o Eremita da Idade Média, mal achou alguns cavaleiros dispostos ao combate. Isolado sob o fogo cruzado dos inimigos e até dos amigos, foi forçado a deixar o campo de batalha. Tinha tido razão cedo demais: retirou-se, à espera de que chegasse a hora de ter razão.

Essa hora chegou, ou não chegará; pois a sociedade morre, e as circunstâncias mudaram muito. Aos acentos das Sereias sucedeu o estrondo do trovão, a embriaguez da prosperidade dissipou-se aos golpes das catástrofes; as solenes advertências da Providência não se perderam para todos. Uns por temor, outros por convicção, esforçam-se por operar uma reação católica sobre a sociedade. Aplaudem os esforços que se fazem nesse sentido. Evidentemente, a reação do catolicismo sobre a educação, sem a qual todas as reações, todas as restaurações de nada servirão, já não podia continuar a ser tida por coisa indiferente. De fato, sob a influência dessas causas e de outras ainda, a revolução avançou: conta hoje com numerosos e ilustres defensores.[1] Reproduzidos por eles, os argumentos contra o paganismo clássico já não caem, como há dezesseis anos, sepultados sob uma saraivada de sofismas e injúrias. Alguns os aplaudem; a outros eles metem medo: para ninguém, exceto para os deuses Termos, são objeto de desdém.

Às palavras sucedem os atos. Tendo reentrado triunfante no domínio da arquitetura religiosa, o catolicismo desenvolve o seu movimento e começa a introduzir-se na educação, vestíbulo da

onipotência. Já em diversos pontos da França e da Europa, a história, a filosofia, a literatura lhe abrem seus santuários, por tanto tempo fechados. Em certo número de estabelecimentos, o estudo das línguas antigas faz-se, em parte pelo menos, com o auxílio de clássicos cristãos, e então o monopólio está abalado. Manifestamente, a brecha está aberta: só resta alargá-la, e a revolução vitoriosa entrará até o coração da praça. Reconheçamos aqui, bendizendo-a, a obra da Providência. Ora, a Providência nunca tateia. A revolução é, pois, possível, possível hoje mais que outrora.

Que ela seja necessária, necessária de uma necessidade atual e soberana, é o objeto deste livro demonstrá-lo, indicando além disso tanto as características dessa revolução como os meios de lhe assegurar o êxito.

Notas

[1] Penso neste momento na carta tão notável do Sr. Bispo de Langres, de que terei ocasião de citar algumas passagens.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:06 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:06 by Admin